

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Jandir Leite Moreira

**ENTRE POÉTICAS E NÓS: UMA PROPOSTA
IDENTITÁRIA A PARTIR DAS ABAYOMIS DE LENA
MARTINS**

Rio de Janeiro
2022



Jandir Leite Moreira

**ENTRE POÉTICAS E NÓS: UMA PROPOSTA IDENTITÁRIA A PARTIR
DAS ABAYOMIS DE LENA MARTINS**

Relato de experiência apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a) Pofº Dr
Marcelino Euzebio Rodrigues

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M838 Moreira, Jandir Leite

Entre poéticas e nós: uma proposta identitária a partir das abayomis de Lena Martins / Jandir Leite Moreira. - Rio de Janeiro, 2022.

20 f.

Artigo acadêmico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sabres e Fazes no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcelino Euzebio Rodrigues

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Arte educação. 3. Bonecas Abayomis . I Rodrigues, Marcelino Euzebio. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Jandir Leite Moreira

**ENTRE POÉTICAS E NÓS: UMA PROPOSTA IDENTITÁRIA A PARTIR DAS
ABAYOMIS DE LENA MARTINS**

Relato de experiência apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 27 / 05 / 2022 .

Banca Examinadora:

Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues SFEAV/CPII
Orientador

Dr. Alexandre Guimarães Monteiro SFEAV/CPII
Segundo membro da banca

Me. André Dias Pires DAV-CPII
Terceiro membro da banca

Rio de Janeiro
2022

ENTRE POÉTICAS E NÓS: UMA PROPOSTA IDENTITÁRIA A PARTIR DAS ABAYOMIS DE LENA MARTINS

Jandir Leite Moreira

Resumo:

O presente artigo pretende descrever a experiência do trabalho educativo vivenciado nas aulas de Artes Visuais de uma unidade escolar sócio educativo no Rio de Janeiro. O processo pedagógico das atividades dialoga diretamente com as *Abayomis*, bonecas pretas e de amarração, criadas pela artista Lena Martins além dos escritos de Antônio Manuel Gomes da Costa (2005) e Michel Foucault (1975), os mesmos nos ajudaram a pensar sobre o ensino e a poética de jovens em situação de reclusão.

Palavras-chave: Arte-educação; Abayomis; jovens em situação de reclusão

BETWEEN POETICS AND US: NA IDENTITY PROPOSAL FROM THE ABAYOMIS OF LENA MARTINS

Abstract / Resumen:

The present article intends to describe the experience of the educational work lived in the Visual Arts classes of a socio-educational school unit in Rio de Janeiro. The pedagogical process of the activities dialogues directly with the *Abayomis*, black and lashing dolls, created by the artist Lena Martins in addition to the writings of Antônio Manuel Gomes da Costa (2005) and Michel Foucault (1975), they helped us to think about teaching and the poetics of young people in a situation of reclusion.

Keywords / Palabras-clave: Scientific Article. Standart. ABNT.

INTRODUÇÃO

Sim, a Arte que mora na mesma rua que a Vida, porém num lugar diferente, a Arte que alivia da vida sem aliviar de viver...
Bernardo Soares

O relato aqui apresentado, é resultante de algumas atividades de arte-educação desenvolvidas em turmas de adolescentes dos anos finais do Ensino fundamental de uma unidade socioeducativa no Rio de Janeiro – RJ. *Amarrações afetivas*, foi o título dado a esse processo pedagógico, poético e transformador desenvolvido a partir de minhas pesquisas como artista e educador. O nome surgiu de inquietações que me acompanhavam durante o contato com os meninos. Quando nas aulas de artes se falava de assuntos referentes a construção de si, de tentativas de produção de autorretrato e me intrigava as características de construção identitária, apresentadas por eles, sobretudo o que diz respeito as cores de pele. Tudo parecia estar solto, perdido, precisando ser amarrado, ressignificando tudo aquilo que outrora havia sido tirado pelo colonialismo, sofridos por eles em suas histórias.

O cotidiano de uma sala de aula, de uma escola que recebe jovens privados de liberdade é bem difícil e complexo. Nem sempre é possível trabalhar com fluidez devido as rivalidades trazidas de seus territórios. É possível perceber uma linha tênue que divide toda a sala impondo limites aos corpos ali presente. Pensar na vida desses meninos sujeitos desta proposição, bem como suas bagagens culturais, nos territórios de onde vieram, é pensar nas amarras e memórias, que se misturam a suas vidas e a minha também.

Desde criança, lá pelas décadas de 1980, brincando pelas ruas da “Grande Casa Maré” (apelido carinhoso, forma a qual é chamada o Complexo de favelas da Maré – RJ por mim), já começava minha história dentro do processo de saberes, que mais tarde me levaria a ser artista e professor. Sendo a Maré um lugar pobre e abandonado, a ausência do Estado na comunidade, sempre proporcionou o cenário para o crescimento do tráfico, alimentado por essas ausências, principalmente, pelo aliciamento de jovens para o crime. O tráfico sempre contribuiu para o aumento da violência na comunidade e infelizmente, ainda hoje, continua criando e gerando falsas expectativas para aliciar meninos e meninas. Essa realidade vivida por mim, se repete em várias comunidades do Rio de Janeiro, e sobretudo na vida desses alunos que protagonizaram esse relato de experiência. Foi pensando em minhas próprias experiências e exercendo um olhar sem preconceitos para com o outro que desenvolvi e mediei as atividades aqui relatadas.

1 Linha Tênu

Em agosto de 2019, fui contratado para trabalhar como professor substituto, assinando contrato de dois anos, para atuar como professor de arte em um Colégio Estadual, localizado em Belford Roxo, um espaço destinado a ressocialização de meninos menores de idade que estão cumprindo medidas socioeducativas em privação de liberdade. Como docente de arte, trabalhei com todas as turmas que estão dentro do quadro de alunos que cursam os anos finais do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio.

Ao chegar para trabalhar no colégio, não fazia ideia de como seria a jornada em meu novo ambiente de trabalho. Já adentrando pela porta da instituição, tive um certo estranhamento. Não tinha a menor noção de que a escola e a unidade sócio educativa, compartilhassem o mesmo espaço. Fui recebido pela diretora na época com toda cordialidade que prontamente me mostrou o pequeno colégio. Como havia chegado cedo, não fui direto para a sala de aula para receber os alunos – fui direto para a sala de professores e lá, esperei o início das aulas. Dentro do espaço comum aos professores estavam algumas pessoas, quando algo me chamou a atenção: fiquei surpreso com a conversas dos agentes se preparando para trazerem os meninos dos alojamentos para a sala de aula. Escutava as conversas deles e ouvia coisas do tipo: “o 875 não vai descer, tá de castigo”; “o 732 também não”. Percebi que os meninos eram reconhecidos por números, códigos, uma maneira de apagar essas identidades. Como era difícil pensar na situação de acomodação daqueles jovens dormindo em um espaço precário, presos, comparados a animais. Era angustiante me deparar com esta realidade e, pior ainda, aceitar que aquilo era algo comum. Grades, prisão, presente, passado, futuro, tudo isso compromete a consciência do indivíduo, sua saúde mental e sua ideia de finitude.

O ser humano, diferente do animal, tem consciência de finitude, vive preocupações oriundas da manutenção da sobrevivência como, por exemplo, o que comer, vestir, morar, até preocupações mais complexas que envolvem o funcionamento de nossa sociedade moderna. Neste território de reclusão, tais preocupações tornam-se ainda mais intensificadas. Dentre essas preocupações, emergem as muitas formas de silenciamento produzidas por aquele lugar que, apesar de ser considerado um lugar de reabilitação, não contribui muito para que isso aconteça de fato, onde uma lógica educacional tenta-se fazer, ainda assim, dominante.

Pensando nos jovens reclusos, nos contextos e condições que se apresentam naquele território, é evidente que os desejos de sentir, de ser, ter e poder, referentes ao conhecimento de si, são buscas que, muitas vezes, são silenciadas pela precariedade do meio em que se vive. O trabalho de recuperação deve estar aliado a todos os aspectos, sobretudo as instalações, que não

fazem parte diretamente à escola. Os alojamentos onde os meninos são acomodados, refletem seus comportamentos, pois são bem precários.

Este relato de experiência traz uma reflexão partindo de uma abordagem onde Arte e afeto reverberaram em um grande potencial pedagógico, implicando o uso da arte contemporânea, resultando em ato transformador para ambas as partes: alunos e professor. Para conduzir esta reflexão, além da experiência vivenciada por nós, o texto se apoia na obra *Por Uma Pedagogia Da Presença*, de Antônio Carlos Gomes da Costa (2005) e em *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (1999).

O capítulo I da obra de Michel Foucault, traz como título: *O Corpo dos condenados* e resume o relato dos sistemas penais franceses, que deixando de lado a tortura, abre espaços e discussões das novas intenções e práticas de silenciamento do indivíduo na modernidade. Dir-se-á:

A prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a interdição de domicílio, a deportação – que parte tão importante tiveram nos sistemas penais modernos – são penas “físicas”: com exceção da multa, se referem diretamente ao corpo. Mas a relação castigo-corpo não é idêntica ao que ela era nos suplícios. O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa a privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos construtivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma a economia dos direitos suspensos. (FOUCAULT, 1999, p. 15)

O texto de Foucault – 1999, nos ajuda a pensar nas possíveis tensões geradas quando esses corpos são privados de seus direitos. Quem conhece a realidade dos jovens reclusos, sabe que não é fácil desenvolver propostas educativas com eles. Em um primeiro momento, a atmosfera presente nesse ambiente é fruto do ódio e da rivalidade trazidos de fora do presídio, devido a existência de diferentes facções criminosas rivais que dividem e povoam o Rio de Janeiro. Entretanto, através da arte contemporânea, foi possível promover momentos de afetos e transformações dentro desse universo de reclusão e silenciamento desses corpos. A partir do fazer artístico conduzidos pela arte contemporânea, foi visível a ativação de diálogos e caminhos para um início de possíveis transformações de vidas. Houve uma identificação afetiva com o trabalho, o que era facilmente percebida durante e após a exposição do trabalho, sobretudo quando as famílias deles visitaram a exposição e eles falavam espontaneamente sobre tudo que tinham feito, mostrando com orgulho a produção desenvolvida.

As instalações do Colégio, apesar de simples, são bem dignas. Fruto do trabalho de vários professores que me ajudaram na montagem do local, assim como os alunos - um bom trabalho em equipe.

Havia um desejo de fazer com que os alunos entrassem nas aulas de arte, não só com mais interesse, mas também, pudessem criar afetos e se encontrarem nas suas próprias histórias de vida. E foi nesse propósito de mediação que foram iniciadas tentativas de contribuir para o processo educativo dos alunos. A importância dessa ação mediadora, dialoga com o pensamento de Costa (2005), desenvolvendo-o como uma presença básica:

É crescente, entre nós, o número de adolescentes que necessitam de uma efetiva ajuda pessoal e social para a superação dos obstáculos de seu pleno desenvolvimento como pessoas e cidadãos. O primeiro e mais decisivo passo para vencer as dificuldades pessoais é a reconciliação do jovem consigo mesmo e com os outros. Esta é uma condição necessária da mudança de sua forma de inserção na sociedade. (COSTA, 2005, p. 15)

A obra de Costa (2005), nos inspira a pensar na busca de estratégias para a construção de caminhos que pudessem romper a linha tênue, essa linha imaginária que separam os corpos dentro e fora da sala de aula.

Pensando na fragilidade do convívio daquele ambiente, onde o machismo, herança do colonialismo, o ódio e a rivalidade são alimentados todos os dias entre os grupos, fez-se necessário apresentar aos alunos alguma produção artística que pudesse dialogar com as estruturas que estão intimamente ligadas aos contextos dos jovens, bem como uma forma de quebrar essa corrente, essa linha tênue observada até então. Para isso, foram confeccionadas Abayomis, bonecas (pretas) de amarração - trabalho desenvolvido pela artista negra e brasileira Lena Martins. Esse trabalho parecia ser impossível dentro daquele contexto não só de machismo, mas de todas as barreiras existente em nossa sociedade capitalista patriarcal. A violência deu lugar a vivências artísticas, permitindo encontros, conhecimentos, e além disso, transformações sociais, pois todo o processo culminou em uma bela e significativa exposição, visitada não só pelos próprios alunos, professores e funcionários, mas, sobretudo por seus familiares. Foi mesmo um grande impacto positivo essa exposição.

Vários procedimentos foram adotados durante o processo, sentar em círculos foi um deles. Isso foi importante, porque dentro da sala, sempre sentam separados por facções, não se misturam. Qualquer movimento diferenciado ou suspeito, os agentes são acionados e intervêm na sala. É uma situação realmente delicada. É a linha tênue que divide os corpos dentro da instituição. Essa linha imaginária que divide, e ao mesmo tempo, hierarquiza. Vem como um

fantasma que acompanha os jovens de comunidade que são acolhidos pela instituição. Foucault (1999), aborda essa história do corpo que obedece a limites e deslimites impostos pelo tráfico, como uma patologia histórica quando diz:

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, o sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e dominação; mas em compensação como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1999, p. 28)

Sendo assim, percebi que essa sujeição de distanciamentos desses corpos está marcada por diversos fatores vivenciados pelos jovens que chegam ali. A linha tênue que divide, faz lembrar a Faixa de Gaza ¹um limite, não físico, ainda que imaginário, está presente dentro da instituição, dividindo, destruindo em pedaços esses corpos, separando e muitas vezes impedindo descobertas, novos laços, liberdade de experimentação.

Interessante perceber esse controle, esse poder sobre esses meninos. Esse paradoxo é o que Foucault (1999) chama de tecnologia política do corpo. É algo difícil de ser visto, é difuso, é composto de peças ou pedaços, as vezes quase impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do Estado. O fato é que essa falta de contato físico entre os meninos, faz com que os educadores estejam a todo momento em estado de atenção.

1.1 Amarrações Afetivas

Considerando as forças socioculturais que determinam os modos de vida, este relato apresentará aulas de arte como proposta, processos e caminhos de investigações que resultou em processos de transformação para a vida daqueles jovens. Os caminhos foram trilhados como tentativas potencializadoras de uma construção de si, provocando questionamentos acerca do que somos e nossas escolhas. Como os jovens gostavam de ouvir músicas durante as aulas práticas (quando possível), foi percebido que trazer poemas para debates, poderia fazer parte desse processo.

A confecção das Abayomis não foi o primeiro passo dentro da construção metodológica de todo o processo. No primeiro momento, foi apresentada, um poema que se chama *Rondó da*

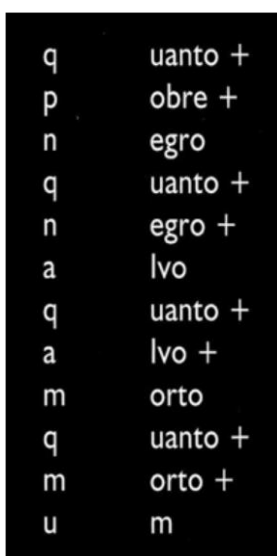
¹ Faixa de Gaza: território palestino composto por uma estreita faixa de terra localizada na costa oriental do Mar Mediterrâneo, no Oriente Médio, que faz fronteira com o Egito no Sudoeste e com Israel no Leste e no Norte, palco de constantes ataques e guerras.

Ronda Noturna, de Ricardo Aleixo (2002), poeta negro mineiro. Esse poema além de ser peculiar, toca em temas necessários, como racismo e violência contra o preto pobre e as problemáticas que contextualizaram a história de vida desses jovens.

A primeira impressão referente ao trabalho do artista, já é causada pelo aspecto visual do seu poema. Sua estrutura textual que foge dos padrões vigentes dentro na norma culta da língua portuguesa (fig.1). Este poema ocupa toda uma página de seu livro *Trívio*, publicado em 2002, em Belo Horizonte. Apesar dos inúmeros aspectos e estranhamentos apresentados pelo texto (fundo preto, fragmentação de palavras, etc.), este material foi usado como um caminho revelador para os meninos. Pois, todas as leituras realizadas em sala de aula foram meios que, estrategicamente serviram como uma espécie de lugar, de útero, promovendo uma nova auto gestação. Suas identidades, de alguma forma, foram repensadas, revistas, recuperadas. Um dos meninos, não possuía nenhuma consciência em relação a sua negritude e as problemáticas sociais que envolvem os moradores de comunidade. Apesar de todas as características trazidas em seus fenótipos, ainda assim, muitos jovens tinham dificuldades de se declararem negros, pretos. Foi presumido que a cultura ali daquele território era marcada por traços do colonialismo, e com isso, alimentavam a falsa visão de pertencerem a uma classe branca. Segue o poema:

Fig. 01 – Poema:

Rondó da Ronda Noturna



q uanto +
 p obre +
 n egro
 q uanto +
 n egro +
 a lvo
 q uanto +
 a lvo +
 m orto
 q uanto +
 m orto +
 u m

fonte: ALEIXO,2002,p. 69

Depois de algumas escutas e algumas reflexões sobre o poema, sugeri que cada aluno fizesse um autorretrato com os materiais disponíveis na sala. Entretanto, a proposta não era fazer um desenho ou imagem, mas expressar em palavras, acompanhando a poética do poema.

Cada aluno fez um texto na tentativa de descrever ao máximo e em detalhes como cada um se via e se sentia. Também cabia neste texto trazer questões e memórias em que reportassem sua relação com seus familiares. Apesar da dificuldade com a escrita (triste realidade nos ambientes socioeducativos), foi notado através de seus textos, uma grande e profunda entrega ao redescobrir suas histórias.

Como foi dito anteriormente, dentro de sala de aula havia uma linha imaginária, uma linha de tensão tênue que dividiam aqueles corpos reclusos e a construção desse autorretrato foi um primeiro passo para uma libertação. Apesar de pertencerem a grupos de facções rivais, as trocas de alguns olhares e experiências entre os alunos, demonstrou o quanto se sentiram sensibilizados e o quanto semelhantes se viram naquele instante. Sempre estive ciente do meu papel naquele lugar. Sempre me mantive longe do julgar, mas sempre perto do acolher, abrigar e cuidar do outro.

Pode-se refletir muito sobre aquele lugar, pensando na força do texto de Ricardo Aleixo (2002). O poema traz uma “noite” sombria, mórbida que se confunde a noite escura da cela fria que guarda os jovens. Noite demorada, noite que adentra aquele lugar de humidades (péssimas condições nas instalações), lugar de precariedade, prisão – lugar que enclausura, em sua maioria, negro, pobre. Espaço noturno, lugar que a sociedade insiste defini-lo, em fazer por merecer à condição étnica social desses indivíduos.

Essa poesia mexeu com todos os alunos da turma, fazendo-os não só observarem as tristes realidades do poema lido, mas fazendo uma profunda constatação de suas realidades, de se verem ali dentro. Pensaram em momentos de suas vidas, nas abordagens truculentas por parte dos policiais em seus territórios. Porém, mesmo o texto trazendo a dura realidade, essas questões foram guiando a produção de escrita de seus autorretratos. Nesse momento os alunos foram aos poucos colocando no papel as inquietações que habitavam em suas mentes. Muitas informações foram relevantes para os próximos passos do trabalho, sobretudo o fato de muitos alunos desenvolverem a consciência de cor, pois muitos tinham dificuldade de se reconhecerem pretos, pois como diz o texto de Ricardo Aleixo (2002): ‘quanto mais pobre mais negro, quanto mais negro mais alvo - ser preto é ser culpado, é ser alvo, é estar sempre na mira e sentenciamento, sem um julgamento prévio que ser-lhe-ia por direito’ (p.69). Foi um encontro de identidades, afetos e lembranças, tudo somando nessa autoconstrução, nesse autorretrato.

1.2 Abayomi: origem e contexto

Partindo para a outra etapa do trabalho foi apresentado a Abayomi, a boneca preta, criação de Lena Martins. Para contextualizar a criação dessas bonecas pretas, foi apresentado um pouco da história da artista criadora. Conforme Gomes (2017) a boneca Abayomi tem 30 anos, ela é concebida como linguagem artística e cultural, considerando o fato de que sua confecção se caracteriza como experimentação criativa e identitária, inserida no campo de lutas produzidas pelo movimento de mulheres negras, no Rio de Janeiro. O nome Abayomi, vem de um termo Iorubá² que significa aquele que traz, alegria ou felicidade, mas também ‘Encontro precioso’, abay = encontro e omi = precioso. Ainda contextualizando, a narrativa de sua criação, sua criação remonta a um período marcado pela efervescência de movimentos sociais no país, nos anos 1980, momento de redemocratização, revelia a ditadura militar, debates em torno de uma nova Constituição e dos cem anos da Abolição da escravidão, ambos culminando em 1988. No ano anterior, 1987, a Abayomi começa a tomar forma. Waldilena Serra Martins, mais conhecida como Lena Martins, integrava o Movimento de Mulheres Negras e trabalhava como coordenadora de animação cultural no Centro Integrado de Educação Pública — CIEP — Luís Carlos Prestes. A artesã desenvolveu a técnica da boneca negra de pano, sem costura ou cola, naquele mesmo ano. Os materiais utilizados eram retalhos, tidos como restos, descartes de fábricas e confecções.

Até hoje, a Abayomi é uma tradição que encanta não só o Brasil, mas também várias partes do mundo. O fato das Abayomis serem feitas de pano, de restos de refugos de tecido, sem cola, dá a boneca esse poder de multiplicidade, pois sendo apenas tecidos amarrados, pode de ser facilmente reproduzida em qualquer lugar ou pessoa do mundo. Lena Martins sempre foi artesã, e até a década de 1987, era militante feminista e participou de um evento com 450 mulheres que discutiam formas de renda às mulheres brasileiras. Ela fazia outros tipos de bonecas, até com palha de milho. Certa vez declarou uma entrevista:

Eu já trabalhava com bonecas de palha de milho naquela época, e voltava para casa tão pulsante das palestras dessas mulheres, era um universo rico. E eu ficava enlouquecida em casa fazendo amarrados e embolados com tecido, e foi surgindo uma figura, uma boneca. [...] Meu trabalho nasceu desse contexto, e mostra minha identidade. Eu não sabia se eu era preta, se eu era branca, se eu era índia. Daí é que surge o objeto desenvolvido nas turmas. (FRANCO, 2021.não paginado)

Percebi características potentes nessas bonecas e uma relação direta com a realidade dos meninos, pois elas não têm olhos, nem boca, nem nariz e sempre pretas. Dessa forma, essas

² O Iorubá é um tronco linguístico de uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim.

bonecas estavam abertas a acolher a identidade de cada e qualquer aluno, abrigar suas histórias, sonhos e desejos.

As Abayomis são bem simples de serem feitas. Não tem ordem, nem uma única forma de fazer, tampouco precise de tecidos específicos, a não ser as malhas, com uma estrutura de trama que não desfia e por isso são mais indicadas para se fazer a estrutura do corpo. Porém, se não tiver, pode se usar o que tiver, contudo, como fala a Lena: ‘tem que ser pretinha. Já as roupas, qualquer pedaço de tecido é bem-vindo’(FRANCO, 2021.np.).

Pensando na sequência do processo proposto com os meninos, as Abayomis reforçaram ainda mais essa auto ativação nos alunos. Para a construção das bonecas de amarração, foi levado para a sala de aula muitos refugos de tecidos, levados por mim. O uso desse recurso nos remete a uma frase dita pela artista brasileira, Sônia Gomes (2018), em um vídeo do You Tube que circula nas redes: “Brasileiro usa o que tem!” Outro detalhe importante é que para a execução do trabalho, os jovens sentaram em círculo. Nas escolas, solicitar que os alunos sentem em círculos é uma situação corriqueira, porém, nas de sócio educativo, essa dinâmica não é rotina ou algo fácil de se realizar, devido as várias realidades territoriais ali presentes. Esse formato de disposição em círculo foi adotado porque naquele momento o encontro não seria de aulas expositivas, tampouco que os alunos ficassem um de costas para o outro. Fazê-los sentarem em círculos se fez importante para se reconhecerem e se respeitarem, como afirma Costa (2005):

É por esta transcendência dos aspectos rotineiros do programa socioeducativo que o adolescente percebe que, mesmo feita de privações e sofrimentos, a vida é alguma coisa que pela qual vale a pena lutar, e que é preciso reconciliar-se com ela a partir do encontro com outras vidas. É através de pequenos nada que aquele educando arredo manifesta um desejo de aproximação. (COSTA, 2005, p. 21-22)

Outra coisa que faz parte da rotina de sala de aula é o controle de materiais e a atenção redobrada com o uso de tesouras. Os lápis, canetas, borrachas e cadernos, ou seja, todos os materiais usados em sala de aula são trazidos e administrado pelo docente. Terminando a aula, tudo é recolhido e os alunos não retornam com nenhum material para as suas alas, a não ser com seus sonhos, desejos e esperanças.

Porém, nesse dia, foi tudo diferente. Os alunos puseram-se em círculo para construírem as Abayomis, sem cola ou costura, somente com amarrações. Usaram tesouras para cortar os tecidos, e como só havia um terço delas, tiveram que usar esses instrumentos em comum. Foi um dia de coletividade. Durante o processo, eles trocavam ideias, conversavam sobre a vida, partilhavam histórias. O tempo foi passando e aquela sala de aula ganhou novos sentidos e podia

ser vista como um espaço ateliê. A arte tem esse potencial de possibilitar essas conexões entre arte e vida. As bonecas foram confeccionadas entre as duas turmas, cada uma no seu tempo, aproximadamente uma centena delas. Cada uma trouxe um sorriso, um carinho, uma esperança de vida dentro daquele universo de silenciamento e reclusão.

Segundo Costa (2005), em cada atividade a ser realizada em sala de aula, o educador tem sempre a tarefa de comunicar, de mostrar aos jovens, elementos que o faça compreender-se e aceitar-se sendo empático com os demais. Ele ainda nos fala:

Assim, de maneira quase imperceptível, ele vai ultrapassando os obstáculos que se interpõe ao seu querer-ser. A sua segurança cresce, à medida em que ele vai se sentindo capaz de definir para si mesmo o caminho a seguir e o comportamento a adotar para a realização daquilo que pretende. (COSTA, 2005, p. 22)

Antes de confeccionar as peças, os jovens já haviam vivenciado toda a profundidade das reflexões propostas pelo poema de Ricardo Aleixo, dialogando depois com a força criativa das Abayomi. Segundo Costa (2005), conhecer o processo e viver intensamente cada momento dele, interagir com áreas diversas de estudos, “misturar” é fundamental para que a prática ganhe corpo e reverbere não só sentidos subjetivos, mas também atinge a coletividade. O autor apresenta essa ideia quando fala:

A pedagogia moderna, em todas as modalidades, começa por uma abertura e integração dos dados que lhe chegam através da psicologia, da sociologia, da antropologia, da psicologia social, das ciências médicas e do direito. Já passou o tempo em que se podia negar a importância de uma boa cultura científica para atuar neste domínio. (COSTA, 2005, p. 23)

Essa interação entre as áreas do conhecimento me fez pensar em todo o processo vivido com os alunos, como um caminho gestacional. Como arte educador, uso como pensamento de vida o seguinte lema: sala de aula é espaço útero, sala de aula é lugar de gestação. Esse caminho gestacional foi iniciado através do poema trabalhado com os meninos, sem ele, não seria possível. Ainda mais, levando em conta aquele território, onde o poder simbólico somado as reproduções comportamentais colonialistas dificultavam a realização das oficinas. Ao corroborar com Costa (2005):

É falso que a prática por si só confira ao educador os elementos necessários ao pleno domínio do seu ofício. Sem teoria, a prática será sempre limitada. Quem negligencia o estudo, quando possui meios de realizá-lo, é um pretencioso ou inconsciente da importância real do seu trabalho. Afirmar isto, no entanto, não implica negar que só a experiência é capaz de integrar e de validar aquilo que foi estudado, na medida em que tudo pelo crivo da eficácia na ação.

Mais importante do que cabeças cheias de informações, é a aquisição pelo educador de atitudes e habilidades que favoreçam e viabilizem sua atuação junto ao educando. (COSTA, 2005, p. 23-24)

Durante a confecção das Abayomis, foi observado o quanto os alunos se empenharam na construção das bonecas. Era possível ver a alteridade de cada um deles, o movimento de seus corpos, dos seus gestos. Ver a turma como um coletivo, apesar da presença dos limites territoriais ali presentes. Os alunos trocaram materiais, ferramentas e ainda que fosse grande o desafio, foi visível que os alunos tiveram a liberdade para materializar em cada boneca, um pouco de si. A escola é um lugar de práticas, um lugar de ação libertadora. As Abayomi foram possíveis formas de rupturas, foi uma tentativa de quebrar o sistema condicionais de corpos e a exposição de pedacinhos de cada jovem, como continuidade a esse processo de libertação.

Os programas socioeducativos oferecidos aos jovens em situação especial de dificuldade ainda não sabem, em sua grande maioria, tirar proveito pleno das possibilidades da presença, embora alguns lhe concedam um certo valor, considerando-a como um recurso a mais no enfrentamento dos casos que comportam maiores desafios. (COSTA:2005. p. 27)

Sendo assim, é importante manter o olhar para cada jovem não só como infratores, presos por cometerem algum tipo de delito, bem como dar tratamentos diversos em relações aos atos cometidos fora daquele lugar. O fundamental pensar sobre essas presenças é que elas precisam ser acolhidas e abrigadas com segurança, pois dessa forma, a ressocialização tende a seguir de uma forma mais humanizada.

Convivendo ali, naquele território, dei conta de que muitos jovens, ainda que estivessem em grupos, conviviam com a presença da solidão. Pensando nesse universo de ausências, pensei que a poesia e o trabalho de Lena Martins poderiam ser um bom caminho para se desenvolver propostas artísticas que culminassem em processos criativos, de acolhimento e cuidados aos jovens.

Pretendi fazer um trabalho, que propusesse um retorno de olhares e inspiração para pequenas ações de amor, na tentativa de valorizar as antigas formas de se comunicar, que, nesta contemporaneidade, tem perdido espaço na relação entre as pessoas: o tato, o contato de pele, o estar perto, juntos, amarrando-se de fato a pessoas concretas, seja parentes, amigos ou vizinhos.

A confecção das bonecas, levam o educando a refletir sobre a construção de relações construídas a partir do contato físico, do falar cara a cara, do estar juntos à mesa das refeições, em sala de aula, quadra de esporte. Isso sim é Amar(r)Ação. Deixe-se amarrar.

1.3 Monitoria

Durante o trabalho de confecção das Abayomi foi observado os diálogos de alguns alunos e o quanto os alunos se empenharam em ajudar seus companheiros que apresentaram alguma dificuldade na construção das bonecas. Era possível ver a alteridade de cada indivíduo e seu acolhimento, dentro do possível, de seus companheiros, ali, dividindo espaços e histórias de vida. Percebendo o quanto foi positivo as atitudes dos jovens durante o processo, decidimos entregar para eles a responsabilidade de serem os monitores da exposição. Essa decisão dialoga com o pensamento de Costa (2005), quando em um capítulo de seu livro fala da Relação educador-educando.

O trabalho educativo preocupado apenas em readaptar o adolescente em dificuldade tende sempre a ignorar o estado de solidão e abandono a que ele foi relegado antes da sociedade preocupar-se com ele pela manifestação de condutas não aceitas. Insistir de forma continuada e remitante em chamar a atenção do jovem para a gravidade social dos seus atos é um expediente que, além de inútil, frequentemente contribui para o fracasso da ação educativa. O educando centraliza-se todo no mal de que sofre e procura prioritariamente qualquer coisa que possa trazer-lhe um pouco de alívio e satisfação. (COSTA 2005, p. 33)

Sendo assim, entregar a monitoria nas mãos dos meninos foi de alguma forma, um gesto de proporcionar-lhes esse momento de alívio e satisfação defendido por Costa (2005). Para cada turno, indicamos 2 alunos para serem os monitores, que apresentariam as peças realizadas não só por eles, mas tudo produzido pela coletividade. Além do trabalho dos meninos exalar delicadeza e beleza, a forma a qual eles conduziram a mostra foi impactante. Suas histórias se misturavam a suas apresentações. Todo o corpo docente, todo o quadro de funcionários do sócio educativo visitou a exposição. Foi mesmo impactante o resultado do trabalho daqueles meninos.

Fig. 02 – Abayomi de Plástico



Fonte: O próprio autor

Uma Abayomi em especial, entre as demais confeccionadas me chamou a atenção. Trata-se de uma boneca produzida após as aulas, por um dos alunos. O jovem que a criou, relatou que o processo de criação das bonecas, junto ao que viu em sala de aula, ficou reverberando em sua cabeça. Afinal, muitas coisas se passaram ali naquele espaço. Ele disse:

– “Essa é minha Abayomi, minha nova amiga.” Senti vontade de conversar com alguém e ela fez esse papel.”

Essa boneca, diferente das outras, não foi feita com tecidos. Foi feita com o material disponível naquele espaço, no caso, pedaços de plásticos de saco de lixo, único material que ele achou disponível em momentos posteriores a aula (fig.2). Dentro das alas, não são permitidos materiais que a instituição desconheça, ele então decidiu inovar ao fazer sua Abayomi. Ele me contou como foi o seu trajeto logo que saiu da sala de aula, após a confecção das bonecas para a exposição. Durante o percurso realizado com os agentes, ele foi ao longo de todo o trajeto pensando nas amarrações vivenciadas horas antes do seu retorno para os alojamentos. E, sentindo o desejo de prolongar o que havia experimentado horas antes, foi inspirado a rasgar pedaços de sacos de plásticos dos cestos de lixos que via durante o trajeto. Viu que através desse ato uma forma de dar continuidade ao fazer artístico, de sentir-se útil, amado, liberto.

Fig. 03 – Sala da Exposição dos trabalhos dos alunos



fonte: próprio autor

A foto da exposição (fig. 03) apresentada acima, mostra uma visão geral da sala onde estava presente, os trabalhos de artes de todas as turmas citadas no artigo, porém, o foco dessa experimentação são as muitas Abayomi confeccionadas pelas turmas.

Pensando na visibilidade da exposição, todo seu impacto, não só para os alunos artistas, professores e funcionários, mas, sobretudo para os familiares dos meninos, esse resultado só foi possível porque, além de peças bonitas, tinham muitas integrações de áreas diversas do conhecimento, como literatura, história e muita ancestralidades impregnadas em tudo.

O trabalho com as Abayomis foi um começo de um caminho de forte experimentação não só na vida daqueles jovens, mas de todos que de alguma forma participaram do evento, seja produzindo ou visitando a exposição. Através dos trabalhos, e de todas experimentações foi possível ver uma entrega pelo resultado plástico satisfatório. Pensando nos espaços e discussões das novas intenções e práticas de silenciamento de corpos do indivíduo na modernidade refletidas por FOUCAULT (1999), essa proposta de arte contemporânea, do fazer artístico realizada pelos meninos, contribuiu de alguma forma, como estímulo para a manutenção de um pensamento crítico, e caminhos para uma futura autonomia e protagonismo de suas vidas, além de novos caminhos e propostas a serem trilhado. Acredita-se que através de todas as amarrações realizadas pelos meninos, muitas sementes foram lançadas e agora só o tempo poderá dar conta de fazer frutificar.

2 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um relato de experiência e foi sustentado a partir dos registros, realizado pelo autor durante as aulas de artes visuais e todo o contato com os jovens recluso da unidade sócio educativa citada anteriormente. Todo esse relato foi nutrido com informações percebidas pelo próprio autor, no que se refere as participações ativas dos meninos, bem como as impressões do educador. Esse relato foi construído entre período de 2019 e 2020.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, essa experiência apresentada reconhece a potência pedagógica que traz a abordagem da arte contemporânea em sala de aula, pois a mesma permitiu não só falar de muitas realidades que envolvem a arte, mas provocar uma afetação discente e, com certeza, a exposição

dos trabalhos dos alunos lançou sementes de inserção social e transformação em todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Ricardo. **Trívio**. Belo Horizonte: Scriptum, 2002.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Por uma Pedagogia da Presença**. Brasília, DF: Ministério da Ação Social, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 20ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FRANCO, Marcela. **Tem que ser bem preta, ensina criadora das bonecas Abayomi**. Folha de São Paulo, 27 jul. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMES, Edilene de Campos; BIZARRIA, Júlio; COLLET, Célia; SALLES, Marcos Vinícius. **A boneca Abayomi: entre retalhos, saberes e memórias**. *Iluminuras*, Porto Alegre, ano 2017, v.18, ed. 44, p.251-264, jan/jul 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/75745/43150>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GOMES, Sonia. Vídeo disponível em: <https://youtu.be/JoHMrbEWnZ4>. Acessado em 21 set. 2022

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organizado por Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ajudar em todos os momentos de dificuldade que passei durante a minha graduação e fez com que meus objetivos fossem alcançados.

Ao amor da minha vida, minha querida esposa Elizangela, por me apoiar, ajudar, acreditar e sonhar comigo.

As minhas filhas Maria Clara, Maria Cecília e Maria Laura, que tanto amo, por compreenderem todas as horas que estive longe e sempre me apoiaram nesta caminhada.

A minha mãe, que mesmo tendo falecido durante esse processo, sempre esteve comigo, acreditando em mim.

A minha Comunidade católica, o Caminho Neocatecumenal, que sempre esteve em oração por mim.

Ao meu orientador Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues que me ajudou ao longo de toda essa reta final.

A minha querida amiga Eliane Mattozo, que abrindo sua sala de aula para me acolher como estagiário, abriu junto seu grande coração me nutrindo de amor e afeto, além de todo seu compromisso e profissionalismo dentro de sala de aula.

A todos os professores da pós-graduação pelo respeito, carinho e dedicação.

Aos meus queridos colegas da turma 2020 de pós-graduação saberes e fazeres que me acolheram com muito carinho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse meu percurso durante a especialização.